É COMEÇAR A PENSAR.

Regina C. Pacheco*

"Um elefante incomoda muita gente
Dois elefantes incomodam, incomodam muito mais"
(canção infantil)

Ah, que tristeza me dá, ao me lembrar da minha infância e juventude gastas entre a moralidade rascosa da Madame de Ségur, o antropocentrismo exagerado de Edgar Rice Burroughs, o historicismo aventureiro de Rafael Sabatini, e que tais. Que visão mais deformada do mundo tivemos nós, a nos encantarmos com os desastres de Sofia, com a natureza que se prostra aos pés de Tarzan (o rei das selvas), com as prodigiosas aventuras de Scaramouche! Baseados em tais exemplos acreditávamos piamente que com boas intenções e belas palavras seria possível modificar o mundo. E, despreparados para ele, vamos nos espedaçando pela vida, a cultivar úlceras e neuroses.

Felizmente, a literatura infanto-juvenil atual segue um caminho aberto pelo pensamento educacional existencialista, em que se busca mostrar à criança e ao adolescente um mundo bem menos idealizado, bem menos romântico, porém — acredito convictamente — um mundo que se aproxima bem mais da realidade e, por isso mesmo, um mundo sobre o qual se pode atuar.

Foi por essa linha que a Maria de Lourdes R. Krieger Locks optou ao escrever esse "*Um Amigo Especial*". E ao fazer esta opção, conseguiu acertar em cheio

O enredo do livro é simples: Lauro é um menino cujo pai "foi embora" (para onde? por quê?) e que espera por sua volta, entre a mãe desesperançada que limpa as casas alheiras e a avó sisuda e calada que faz crochê para fora. E enquanto aguarda a volta do pai, Lauro cria seu elefante, o amigo especial de que fala o título.

Interessante observar que, ante o fatalismo com que se encaram as desgraças causadas pela natureza, espera-se das personagens a mesma atitude diante do que é causado pelo homem. Aparentemente é o que ocorre aqui. Mas só aparentemente.

As duas mulheres são tão despersonalizadas pela desgraça que nem nome têm, são sempre "mãe" e "vó". E tendo ambas a experiência anterior de serem casadas com líderes trabalhistas "que se foram", vêm com apreensão o menino se tornar tão curioso e contestador quanto o pai e o avô.

---

* Professora de Português na UFSC.

Mais sofreda, a avó se cala ante a atitude do menino. A mãe, no entanto, apesar de seus receios e da visita esquisita daqueles homens carrancudos, repete para o filho tudo o que aprendeu com o pai dele. Nota-se, assim, que Lauro vai repetir o mesmo destino do pai e do avô, embora tenha que pagar um alto tributo para isso.

E este amigo tão especial tem um caráter muito simbólico. O que representa o elefante da história? As interpretações podem ser as mais variadas: o vazio de um momento histórico, a revolta que se acumula em Lauro, todo o absurdo da situação de um regime autoritário, etc. Não acredito que decifrar a metáfora do elefante seja o mais importante. O que interessa, como diz Lauro, é "saber". E que ao final da leitura se possa chegar à mesma conclusão que ele:

"— Mas nós podemos saber também, mãe, o pai dizia. É começar a pensar..." (p. 56).